




Manifesto PPRI

Pela *unidade frentista das massas* sob a bandeira da derrota do imperialismo e do sionismo no Oriente Médio

QUE AS MASSAS EXPLORADAS E OPRIMIDAS ROMPAM A PARALISIA DE SUAS DIREÇÕES E IMPONHAM AO GOVERNO LULA A RUPTURA DOS ACORDOS COM ISRAEL!

 Enquanto Israel atacava o Irã, continuou massacrando centenas de palestinos famintos que faziam fila para adquirir alimentos, bombardeava prédios e tendas, mantinha sem medicamentos e sob constante ataque os poucos hospitais que restam em Gaza, arrasava terras e casas palestinas na Cisjordânia etc. Estima-se que sejam 137 mil palestinos que estão soterrados sob os escombros. Mutilados e doentes graves se contam por milhares. Seguem presos e sendo torturados milhares de presos palestinos. Trump e Netanyahu negociam impor um governo controlado por eles em Gaza. Assim, o holocausto se mostrou uma ação planejada e instrumentada para servir aos negócios da burguesia mundial, roubar as terras e recursos afundando na barbárie e sob os escombros milhões de palestinos, libaneses, iranianos etc.

Não há como não espumar de ódio quando se olha as fotos de crianças esqueléticas morrendo de inanição e doenças, ou quando se vê a extrema crueldade e cinismo de ministros sionistas defendendo sua "solução final" para os palestinos: expulsão ou morte. Não há como não se revoltar contra os governos árabes que fazem seus negócios sobre os ossos de milhares de palestinos mortos. Não há como não odiar a Autoridade Nacional Palestina e o novo governo Libanês que ajudam aos genocidas a atacar a resistência que tem demonstrado a coragem e firmeza moral dos povos que lutam pela sua libertação. Mas, também é certo que os palestinos não estão sozinhos. Milhões e milhões de explorados e oprimidos no mundo todo se erguem

em sua defesa. Cresce a rejeição contra o estado artificial e genocida de Israel. Ações de massas e radicalizadas são realizadas destruindo material bélico usado em chacinas em Gaza (Inglaterra), barcos são paralisados pela negativa de setores operários a serem cúmplices no holocausto (Grécia, Índia e França), ocupações e manifestações de milhares e milhares paralisam as cidades gritando "Palestina livre". As massas demonstram uma profunda solidariedade de classe e internacionalista como sua luta pela autodeterminação. Como em nenhum momento antes na história existe atualmente um apoio massivo pela libertação da Palestina e contra Israel.

O problema continua o mesmo: que as direções políticas e sindicais se negam a dar uma expressão organizativa e política a essa revolta. Negam-se a convocar assembleias gerais e aprovar greves, bloqueios e ocupações que estrangulem os interesses econômicos, militares, políticos e diplomáticos dos sionistas por estarem ajoelhados perante os governos e instituições burguesas. Instituições, governos e organizações burguesas participam por ação ou omissão no genocídio palestino. Prevalecem os negócios dos monopólios e cálculos eleitorais pagados com o sangue palestino, libanês, iraniano etc.

No Brasil, o governo de Lula/Alckmin olha para outro lado quando dos portos do país se exporta petróleo que enche os tanques de combustíveis de aviões, barcos, tanques que destroçam palestinos e arrasam suas terras avançando à limpeza étnica. Se faz de otário quando a empresa onde ele co-

meçou sua militância sindical exporta aço que serve à fabricação de armas e equipamentos que trucidam os famintos em Gaza. Petróleo e aço que agora também se utilizam para atacar o Irã. Só quem coloca as eleições e a governabilidade burguesa por cima da vida e dos direitos dos povos oprimidos árabes podem chamar esse governo de seu sem sentir vergonha de olhar as vidas ceifadas pela continuidade das relações entre Brasil com Israel. Se o governo não quer romper com Israel, então que as massas imponham a esse a ruptura de todos os acordos e relações com a luta de classes!

Está mais vigente do que nunca a conclusão de nosso manifesto do dia 15/06: "a Palestina será definitivamente livre com a derrota e destruição do estado sionista e enclave estadunidense de Israel, erguendo sobre suas ruínas um estado Palestino uno e socialista ... como parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio, o Brasil será um farol para a luta internacionalista e a solidariedade ativa em defesa dos palestinos e de todos os povos e nações oprimida quando derubar os governos e destruir o estado burguês, expropriando a burguesia e transformando os grandes meios de produção em propriedade nacionalizada, constituindo o governo operário e camponês, fruto da revolução e ditadura proletárias". Está colocada a tarefa de construir os partidos proletários e internacionalistas em cada país, para combater ao interior das organizações, das frentes de luta e as manifestações para conquistar a independência de classe e romper com a burguesia e os governos cúmplices do genocídio. ●

DEFESA INCONDICIONAL DO IRÃ DIANTE DO SIONISMO E DO IMPERIALISMO



Durante meses, EUA e Israel prepararam a guerra contra o Irã. Após o ataque contra as instalações nucleares, os EUA se dispôs a “abrir caminho à paz”. O governo iraniano esteve disposto a um cessar-fogo. Não se trata da capitulação, e sim da necessidade de reconstruir suas capacidades de defesa para os novos ataques que virão. Os EUA não podiam seguir imediatamente a guerra sem afundar em gastos bilionários sem perspectivas de vencer. Israel estava esgotado em suas capacidades defensivas e sofria contínuas perdas em capacidades estratégicas. Se bem que as maiores perdas humanas e materiais foram do Irã, surpreendeu suas capacidades ofensivas e a unidade nacional que se criou ao redor de seu governo. E no contexto de uma revolta geral das massas árabes contra o imperialismo, transformaria o Irã em um novo Vietnã. Nesse contexto é que foi confirmado o “cessar-fogo” em que todos estiveram de acordo - uma trégua para o rearmamento.

Converter o Irã em uma nova Síria e utilizar seu território para avançar no controle de todo Oriente Médio é o objetivo imediato do imperialismo em seus planos de guerra contra o Irã, que tem mais de 30 anos. A guerra foi travada agora porque ainda o Irã não desenvolveu toda a tecnologia de miniaturização de artefatos nucleares capazes de serem colocados em mísseis que já detém. Um Irã com armas nucleares dificultaria o expansionismo colonial do imperialismo na região. É bom lembrar que o programa nuclear iraniano começou com a aprovação do programa “Átomos para a Paz” dos EUA. Desde 1957 até a derrubada do Xá, em 1979, se chegaram a construir 23 reatores com uma capacidade total de 23 GW e um ciclo fechado de combustível nuclear. A revolução iraniana que constitui a República Islâmica achou-se de posse dessa infraestrutura. A guerra com o Iraque patrocinada pelos EUA que visava à derrubada do regime teocrático surgido da revolução, alertou o Irã da necessidade de reativar esse programa. O Irã obteve do Paquistão a tecnologia de centrifugação para enriquecimento de urânio. Is-

rael já possuía armas nucleares e se negava a ser vistoriado pela Agência Internacional para a Energia Atômica (AIEA), mas impôs seu controle ao Irã. As exigências do imperialismo de pôr sob seu controle o programa nuclear iraniano não diz respeito à “paz” ou a impedir que movimentos terroristas possam tomar posse de bombas atômicas. O desenvolvimento da tecnologia nuclear está ligado ao controle e exploração das fontes de urânio e podem acelerar a ruptura do monopólio imperialista sobre grande parte dessas fontes de matérias-primas, além de desenvolver capacidades energéticas sem o controle norteamericano. Criar-se-iam fissuras no chamado “domínio de espectro integrado” (econômico e militar) que o imperialismo precisa para manter no atraso às nações, e assim subjugar-las. É parte desse objetivo a manipulação e controle da AIEA que permite ao imperialismo ditar as condições das capacidades nucleares dos países que ameacem de alguma forma seus interesses expansionistas. Sobretudo, os EUA pretendem impedir que uma nação que adquiriu uma limitada soberania possua a capacidade de armas de destruição em massa e, assim, obstaculizar seu objetivo de transformar todo o Oriente Médio em estados incapazes de se defender e bases das manobras contra Rússia e China. Todas as movimentações imperialistas têm por objetivo estratégico destruir a propriedade nacionalizada pelas revoluções, derrocar a burocracia herdeira do estalinismo, restaurar o capitalismo e transformar esses países em semicolônias, reconstruindo as forças produtivas destruídas sob seu controle.

Já vimos como a burocracia russa negociou a derrocada de Al-Assad para manter seus interesses na região. Sabemos ainda que o Irã é um país burguês coroado por um regime teocrático autoritário. Mas, estamos do lado da nação oprimida contra o imperialismo, sem por isso compactuar e nem concordar com seu governo e nem com as burocracias stalinistas. Por isso repudiamos a caricatura grotesca dos regimes e cultura das nações oprimidas da imprensa monopolista que serve para

justificar a rapina imperialista. Denunciamos as esquerdas que em meio aos ataques do imperialismo convocam a uma luta separada e oposta à unidade frentista que se impõe para a defesa da nação oprimida. A verdadeira política revolucionária começa pelo desmascaramento da bandeira imperialista da “paz” e o chamado à desnuclearização das nações que se lhe opõem, denunciando-a como reacionária. Ao defender incondicionalmente a nação oprimida contra seus opressores, defendemos sem vacilação seu direito a desenvolver a tecnologia nuclear sem restrições e sem qualquer imposição do imperialismo.

Não haverá nem desarmamento e nem paz sob o capitalismo que aperfeiçoou os instrumentos de destruição visando a opressão de classe e nacional e, sobretudo, para abrir caminho à destruição das economias nacionalizadas pelas revoluções e os estados operários degenerados restaurando o capitalismo. É instaurando a ditadura proletária e avançando ao socialismo que se criarão as bases para erradicar a opressão nacional, e se unificará as nações libertadas das cadeias da exploração e da propriedade privada através de sua cooperação e integração em um sistema econômico superior, e no processo da transição ao socialismo se colocará nos museus os meios de destruição em massa.

Cabe ao proletariado e demais oprimidos defender intransigentemente o Irã e lutar junto desse para derrotar o imperialismo e sionismo exigindo o armamento geral das massas árabes para derrotarem seus governos serviais, abrindo assim o caminho a uma luta anti-imperialista e ao avanço da revolução proletária no Oriente Médio, como parte da luta da classe operária pela destruição do capitalismo, acabando com as guerras imperialistas de dominação e opressão. Somente sob o programa e estratégia proletárias e a tática da frente única anti-imperialista é que a vanguarda mais consciente poderá projetar a luta dos oprimidos pela conquista de sua completa autodeterminação, por meio das revoluções proletárias, visando à constituição dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio e por toda a mundo. ●